DA AVENTURA À TESTEMUNHA: UM CAMINHO ETNOGRÁFICO AO LADO DE ROQUE LARAIA

DENISE MALDI
Universidade Federal de Mato Grosso

Evocar o caminho de um aluno, guiado pelo mestre: a imensa aventura que produz um antropólogo,do conhecimento de mundos merecedores de epítetos entre aspas (primitivo, tradicional, *folk* etc.) à academia; da influência de uma disciplina que se recusa à canonização, às transformações ideológicas que vêm mantendo em alterações constantes o próprio contexto moral do fazer etnográfico.

Mas não se trata apenas da aventura como pano de fundo de uma trajetória. Se indiscutivelmente a antropologia fundamentou-se a partir do encontro com *o outro*, e da tentativa (ilusão?) de dar sentido ao estranho através de categorias familiares, não há dúvida que é a experiência do etnógrafo, e não o seu objeto, a matéria-prima analítica.

Parece razoavelmente fora de grandes questionamentos aceitar o inevitável subjetivismo após a ampla divulgação da obra de Clifford Geertz entre nós, sobretudo a sua "descrição densa". Mas trata-se, nesse caso, de um tipo de subjetivismo, da aceitação da descrição e da ordenação das "estruturas conceituais complexas" (mantendo os termos de Geertz), mediada pela existência real do investigador, pela influência explícita do trabalho de campo sobre ele e pelo texto escrito, voltado para as necessidades ou, pelo menos, para as aspirações da academia.

Grande parte dessa experiência tem um caráter extremamente concreto, ou seja, define-se a partir de uma prática localizada, onde determinado antropólogo esteve em determinado lugar e produziu uma etnografia. Não é

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

por outra razão que as nossas correntes teóricas, mais do que em qualquer outra disciplina, têm um caráter pessoal que transforma os nomes dos seus grandes idealizadores em adjetivos que as qualifica e as explicita, tendo sempre, como base angular, a etnografia por eles produzida.

O empirismo do qual parece alimentar-se a disciplina é vivenciado a partir do subjetivismo que permeia os problemas metodológicos centrais tanto na relação entre o investigador e o investigado, quanto na relação entre o autor e o seu texto.

Quando, nos idos dos anos 70, a Universidade de Brasília implantava o seu programa de pós-graduação em Antropologia, alguns dos seus professores/idealizadores completavam a sua própria formação acadêmica em ressonância direta com os alunos.

A habilitação em Antropologia começou a ser conferida a nível de graduação a alunos que, muitas vezes, continuaram na pós-graduação e defenderam teses.

O distanciamento permite hoje avaliar a posição de Roque Laraia fundamentada num despojamento dogmático que se traduzia pela sua recusa ao enquadramento reducionista a cânones ou rótulos epistemológicos; ao mesmo tempo, pela sua compreensão da indiscutível mística do trabalho de campo a partir do subjetivismo como mediador inquestionável da interpretação.

O que parece paradoxal é que esta posição se caracterizava então pela ortodoxia da sua atuação como professor: um clássico diria, sem medo de errar, sempre enfatizando a necessidade do domínio das mais típicas áreas de conhecimento da antropologia: o parentesco e o ritual.

O estruturalismo levistraussiano, na sua forma mais codificada e sistematizada exercia uma profunda influência entre antropólogos brasileiros, que se refletiu amplamente na produção acadêmica ao longo dos anos 70, privilegiando as situações de confronto interétnico sobre outros temas. É bem verdade que o contexto histórico reclamava a análise dessas situações como suporte de denúncias contra as condições desfavoráveis às populações indígenas e de pressões no sentido de gerar mudanças políticas.

Para os modelos sociais indígenas, os grandes recortes paradigmáticos foram as categorias de oposição, que serviram também de suporte analítico para as situações históricas de tensão nos conflitos interétnicos, dentro das diversas variantes.

As circunstâncias que envolviam - com igual densidade - dúvidas epistemológicas, posicionamentos ideológicos, atitudes morais e vacilos vocacionais, foram vivenciadas através da tensão entre a "antropologia prática" ou "de ação" e a acadêmica, a partir da inquestionável responsabilidade dos investigadores como testemunhas dos confrontos que envolviam seus investigados.

Roque Laraia sempre se recusou a essa dicotomia, muito mais ilusória e política do que real, em parte porque, para os brasileiros, ecoava uma crise de consciência que estava longe de ser privilégio nosso, enquanto que os etnógrafos estrangeiros faziam exatamente etnografia, desengajados pelo discurso de impossibilidade acadêmica no envolvimento político e livres de sobressaltos morais.

A despeito do indiscutível esforço de antropólogos envolvidos na política indigenista e da sua contribuição para mudanças sobretudo de ordem jurídica e na defesa dos direitos indígenas sobre seus territórios, a antropologia, como qualquer conjunto de estruturas epistemológicas, refletia as circunstâncias históricas. As "condições de possibilidades" que interrelacionam os sistemas de conhecimento sob circunstâncias históricas distintas (Foucault 1973), por um lado, não transformaram a antropologia em tribuna de nenhum segmento social; por outro, contribuíram para profundas mudanças temáticas no âmbito da academia.

Essas mudanças temáticas, por sua vez, refletem um interesse crescente em outras alteridades que não as sociedades indígenas, muitas vezes prescindindo da investigação etnográfica sistemática, pelo menos nos seus moldes clássicos.

As transformações nos interesses integram questionamentos maiores, sobretudo no que se refere à seleção dos problemas teóricos através dos quais foram tecidas muitas etnografias. A rigidez dos modelos estruturalistas nas suas construções dicotomizadas, tanto na análise dos conflitos interétnicos quanto na análise da organização social indígena, foi superada pelos dados empíricos e pela necessidade de construções analíticas que pudessem subsidiar comparações mais generalizantes.

A busca de enfoques alternativos para análise de materiais etnográficos coletados em campo apontava cada vez mais para a necessidade de considerar os elementos constitutivos dos diferentes arranjos sociais como, eles mesmos, informadores da prática social. Não necessariamente como conjuntos de regras, mas, sobretudo, como conjuntos de idéias ligando o indiví-

duo, através de formas extremamente elaboradas, a concepções cosmológicas.

Entre o desencanto da dialética estruturalista e a sedução das cosmologias, Roque Laraia manteve a inabalável postura do etnógrafo comprometido com a etnografia, no sentido de que se efetivava através de um campo e de uma prática específicos, não enquanto uma idealização, mas como um processo de investigação e o resultado desta investigação.

Situar-se entre a herança de Malinowski e o *local knowledge* implicava em admitir o enfoque confessional (o subjetivismo), o caráter de imersão (aventura, testemunha), mas de tal forma conduzido que a interpretação pessoal resultasse em tornar inteligíveis os conjuntos de tópicos identificados pela observação de acontecimentos relevantes.

É certo que, enquanto resultado de um processo de investigação, o texto etnográfico tem o mesmo peso da pesquisa, mas Roque Laraia jamais admitiu a falta de lastro que pusesse em cheque a vocação antropológica como literária, sucumbida ao esteticismo ou à filosofia (pretensiosamente), uma "antropologia boa para ler" (tomando emprestada a expressão de Geertz, 1989: 152) simplesmente.

Muito pelo contrário: as mudanças históricas e ideológicas que transformaram os povos dos quais se ocupam os antropólogos, de objeto a público, e de investigado a leitor podem alterar substancialmente as idéias dos investigadores sobre os investigados mas não necessariamente a relação entre eles no processo de investigação.

A crítica, em forma de crise, foi tecida na esteira da descolonização, tornando ainda mais complexos os problemas éticos do trabalho de campo, além de atingir os enfoques de descrição e análise sob a forma que Geertz chamou ironicamnte de "hipocondria epistemológica" (1989: 81).

Esse mal, entretanto, era privilégio deles: conforme Custódia Sena (1987) apontou, os antropólogos americanos decretaram o início da idade pós-moderna na antropologia quando os terceiro-mundistas não haviam ingressado na modernidade - ou seja, na vertente interpretativa.

O mais grave é que os questionamentos a essa vertente e à etnografia revelavam exatamente a falta de lastro, medida pela disparidade entre o volume da produção crítica ("texto sobre texto sobre texto") e a escassez dos trabalhos etnográficos experimentalistas (: 13)

Por outro lado, a relação entre a pesquisa empírica e a base da antropologia sempre permanceu inquestionável, e esse alicerce fundamental continuou a ancorar o ensino da disciplina, levando alguns antropólogos, como Mariza Peirano (1990, 1992) a falar "a favor da etnografia", enfatizando o fato de que, sem o impacto da pesquisa de campo, os dados tornam-se "frios, distantes e mudos", perdendo a "presença teórica" (1992: 19).

É interessante que eu tenha construído o meu projeto de dissertação de mestrado e a própria dissertação ao longo e no auge desses questionamentos, e a forma como esse processo foi conduzido por Roque Laraia reiterava, sem dúvida, uma tradição a favor da etnografia.

O processo que vivenciei, a minha própria aventura, pode ser carcterizada pelo que Geertz chamou de "momentos arquetípicos" da experiência etnográfica (1989: 93) e que redundou na construção de uma etnografia de estilo nomográfico clássico, sobre os Pakaas-Novos de Rondônia.

Sendo arquetípica, eu precisava vencer a imensa distância entre o "caleidoscópio da vida tribal" e a sua apresentação final, conforme a introdução ao mais arquetípico dos trabalhos de campo, o de Malinowski. O "caleidoscópio" era particularmente rico, complexo e desafiante: uma sociedade com menos de 50 anos de contato; habitante da floresta úmida; canibal; subdividida em grupos nominados cuja natureza era desconhecida; pesquisada até então por dois antropólogos estrangeiros que haviam se dedicado ao estudo das relações interétnicas e à nomenclatura do parentesco.

Se alguns antropólogos consideram impossível ensinar a fazer trabalho de campo, a experiência que vivenciei pode atestar o contrário.

Em primeiro lugar, como de praxe, li as duas teses existentes sobre os Pakaas-Novos: a primeira delas, de autoria de Alan Mason, denominada *OroNao Social Structure*, foi defendida em 1977 na Universidade da Califórnia, Campi Davis; a segunda, de autoria de Bernard Von Graeve, intitulada *Protective Intervention and Interethnic Relations - A Study of Domination on the Brazilian Frontier*, foi defendida em Toronto em 1977 e publicada pela editora canadense Broadview Press em 1989, com o título *The Pacaa-Nova - Clash of Cultures on the Brazilian Frontier.*

Alan Mason realizou sua pesquisa de campo de 1968 a 1969, época que coincidiu com um período altamente crítico do processo de contato. O

caos que presenciou levou-o a concluir que os Pakaas-Novos (para ele, os OroNao, subgrupo majoritário no local onde realizou a pesquisa de campo) não eram capazes de "descrever a si próprios de uma forma que pudesse indicar ordem", mas não apenas isso: "falhavam ao se organizarem em arranjos que aparentassem ordem" (: 6).

Com essa visão, Alan Mason procurou comparar os Pakaas-Novos com outros povos a partir de uma "aparente anarquia" (: 7). Buscou em Leach o teórico que questionou a natureza da realidade com a qual antropólogos britânicos pensavam estar lidando - a seu vẹr, o mais severo crítico da noção de que a sociedade pode ser caracterizada como uma unidade de organização. Nesse sentido, considerou que alguns conceitos empregados por Leach para dar significado à realidade empírica que presenciou na Birmânia poderiam, em parte, ser aplicados às condições OroNao. Em particular, a noção de que a estrutura contém elementos que estão em contradição com o sistema - para Mason, apropriado para entender as consideráveis variações das condições da organização social OroNao (: 26).

Partindo da idéia de que o conceito de estrutura social requer um método de abstraçãao a partir das características repetitivas identificadas a nível empírico, considerou que, não sendo possível identificar características verdadeiramente repetitivas, ou os OroNao "não tinham estrutura" ou esse método era inadequado ao seu estudo (: 35).

Finalmente, em decorrência dessas considerações, optou por centralizar a sua pesquisa no parentesco, a esfera da cultura que lhe pareceu ordenada e, efetivamente, realizou um profundo trabalho, focalizando sobretudo a nomenclatura.

Tanto Mason quanto Von Graeve abordaram muito pouco da organização social dos Pakaas-Novos, ainda que Mason tenha identificado elementos extremamente importantes e levantado dados pontuais sobre alguns rituais e algumas crenças.

Não tinha a menor vontade de polemizar com esses autores: sabia que haviam cumprido uma formalidade acadêmica e, provavalmente, não retornariam mais aos Pakaas-Novos, mas fiquei profundamente impressionada com a visão "anárquica" de Mason. Nesse sentido, logo nos primeiros momentos no campo (realizei várias viagens intermitentes e de curta duração, já que, por circustâncias outras, havia convivido um pouco com os

Pakaas-Novos anteriormente), procurei compreender a natureza dos subgrupos nominados que compunham a totalidade social.

Sete subgrupos eram conhecidos por todos (posteriormente identifiquei o oitavo, cujos membros mascaravam a sua identidade assumindo a do subgrupo majoritário do local), distribuídos nos diferentes Postos da FUNAI onde a população Pakaa-Nova vive, e seus nomes e significados eram do domínio público.

O processo de tentar compreender esses grupos foi fundamental e definitivo na construção do meu trabalho e é hoje um testemunho inequívoco da importância da condução de um trabalho de campo.

Assaltada por ansiedades epistemológicas, tentei ver nesses subgrupos elementos que pudessem caracterizá-los como unidades unilineares de descendência, de preferência (a glória!) clãs. Nada fazia sentido. Tentei ainda outras categorias, acometida de dúvidas, lembrando cada vez mais da "falta de estrutura" de Mason, e do horror que a idéia me causava.

Roque Laraia conseguiu evidenciar, a partir da crítica a esse comportamento,. que fazer etnografia implicava no abandono de pressupostos ou em, pelo menos, mantê-los entre parênteses.

Diante de uma pesquisadora perplexa à cata de categorias analíticas, exigiu uma observadora despretensiosa. Diante da (então) ingênua contestação de que havia pouco a observar, já que a única esfera que parecia, de fato, "ordenada", era o parentesco, exigiu, primeiramente, um levantamento etnohistórico. Nesse ponto é que o trabalho de campo tomou a feição de etnografia enquanto uma empresa dialógica, onde tanto o pesquisador quanto os informantes eram autores de representações culturais.

O encontro etnográfico gera oportunidades para que várias esferas de significado possam emergir, transformando o pesquisador em observador, exegeta e intérprete, a partir de um processo por ele mesmo desencadeado.

Do ponto de vista metodológico, esta orientação aproxima-se muito mais dos etnógrafos franceses na esteira de Marcel Griaule, com a concepção "teatral" do trabalho de campo, onde o etnógrafo é o iniciante e o informante, o instrutor. A etnografia é vista como um processo de "extrair confissões" e os "segredos" podem ou não ser revelados, mas o que o etnógrafo faz, em última instância, é receber e interpretar informações (Clifford 1993).

Do ponto de vista teórico, o profundo mergulho na história da sociedade levou ao conhecimento das cosmologias e dos mitos como as primeiras matrizes informadoras da organização social. No mito de origem já estava explicitada a natureza dos subgrupos nominados e a essência das relações que os mantêm unidos e que conformam o seu cimento ideológico.

Fundamental foi a sua identificação como *grupos territoriais* com fronteiras definidas e soberanas e como o primeiro e primordial elemento para a construção da identidade social.

Para uma sociedade que havia vivido mais de trinta anos sob forte influência missionária protestante, que teve o trânsito e a mobilidade através dos territórios tradicionais estrangulados pelas dramáticas condições do contato, que impediam os encontros ritualizados que eram a marca fundamental da ideologia e da sua visão como totalidade, o trabalho de campo realizou-se, em larga medida, através de "representações culturais". Realizou-se também através do levantamento do sistema de crenças que explicavam o canibalismo institucionalizado, o qual, evidentemente, não era mais praticado.

A territorialidade permeava todas as esferas da cultura de uma forma aparentemente meta-institucional e havia sido a mudança drástica nos arranjos de ordem espacial que refletira de forma inexorável na organização como um todo, dando a ilusão de "falta de estrutura". Por outro lado, permanecera inalterada a sua fundamentação ideológica, que estava então orientando a nova ocupação de espaços dentro das reservas delimitadas pelo governo, bem como as novas formas de filiação aos grupos nominados.

Somente após a libertação dos grilhões conceituais, ou após mantê-los entre parênteses, foi possível compreender que muitas categorias que explicavam a organização social dos Pakaas-Novos eram, na verdade, construções dos Pakaas-Novos. Nesse sentido, o trabalho foi orientado de forma que os parênteses fossem abertos na academia, já que Roque Laraia estimulou um profundo debate com outros etnógrafos, sobretudo com Julio Cezar Melatti.

O caminho etnográfico percorrido ao lado de Roque Laraia foi tecido na trilha de um professor-orientador extremamente ortodoxo nas suas exigências metodológicas e no domínio dos campos conceituais; despretensiosamente vanguardista no despojamento desse domínio quando do encontro

etnográfico, da textualização e da exegese de um sistema tradicional de conhecimentos de um povo.

Da aventura à testemunha, arquetipicamente. Do dado empírico à teoria e vice-versa, cumprindo um papel acadêmico para que possamos vivenciar, em paz, a nossa "modernidade"/maturidade etnológica.

BIBLIOGRAFIA

CLIFFORD, James. 1983. "Power and Dialogue in Ethnology". In *Observers Observed — Essays on Ethnographic Fieldwork.* University of Wisconsin Press.

FOUCAULT, Michel. 1973. *The Order of Things: An Archeology of the Human Sciences.* New York: Ramdom House.

GEERTZ, Clifford. 1983. *Local Knowledge - Further Essays in Interpretativa Anthropology.* New York: Basic Books.

______. 1989. *El Antropólogo como Autor.* Paidos. Buenos Aires.

GRAEVE, Bernard Von. 1977. *Protective Intervention and Interethnic Relations - A Study of Domination on the Brazilian Frontier.* Tese de Doutorado.

Universidade de Toronto.

______. 1989. *The Pacaa-Nova - Clash and Cultures on the Brazilian Frontier.* [Canadá]: Broadview Press.

MASON, Alan. 1977. *OroNao Social Structure.* Tese de Doutorado. Universidade da Califórnia. Davis.

MEIRELES, Denise Maldi. 1986. *Os Pakaas-Novos.* Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB-IH-Departamento de Antropologia.

PEIRANO, Mariza G. S. 1990. Os Antropólogos e suas Linhagens. *Série Antropologia* 102. UnB-IH-Departamento de Antropologia.

______. 1992. A Favor da Etnografia. *Série Antropologia* 130. UnB-IH-Departamento de Antropologia. Republicado com modificações no presente volume do *Anuário Antropológico.*

SENA, Custódia Selma. 1987. Em Favor da Tradição ou Falar É Fácil, Fazer É que São Elas. *Série Antropologia* 63. UnB-IH-Departamento de Antropologia.